



**Publicado originalmente em:** relatório de pesquisa: “Cultura, conhecimento popular e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado”. Projeto de pesquisa financiado pelo Programa Centro Oeste de Pesquisa e Pós-Graduação – POCPG/CNPq 2001 – 2003.

## **As Fitofisionomias e a Interrelação das Populações Tradicionais com o Bioma Cerrado**

*Valney Dias Rigonato\**  
*valney\_rigonato@yahoo.com.br*  
*Maria Geralda de Almeida\*\**  
*galmeida@iesa.ufg.com.br*

Este trabalho busca entender as singularidades dos usos das espécies nativas e a interrelação das populações tradicionais com as fitofisionomias do cerrado. A singularidade manifesta-se na cultura das populações tradicionais, no conhecimento popular, no convívio e no respeito com à natureza, e, também, nas interrelações entre os próprios integrantes das localidades e comunidades.

A pesquisa desenvolveu-se na porção norte do Estado de Goiás, especificamente nos municípios de Alto Paraíso de Goiás, Teresina de Goiás, Cavalcante e Colinas do Sul priorizando, entretanto, as localidades de Vila Borba, de Engenho, de Moinho e de São José (fig. 01). Este recorte espacial deu-se, sobretudo, por ser uma área de municípios do Estado de Goiás, segundo os dados do IBGE (2002), com menores índices de alterações e degradações do cerrado pela ação antrópica. Ela possui localidades habitadas com populações tradicionais, pequenos agricultores e comunidades negras rurais de quilombolas do povo Kalunga que desenvolvem agricultura de subsistência, caracterizando uma relação intrínseca com a natureza e, conseqüentemente, com o bioma cerrado.

Populações tradicionais aqui é entendido, conforme definição de Diegues:

comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado.

---

\* Mestrando em Geografia- IESA-UFG; bolsista Técnico do projeto “Cultura, conhecimento popular e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado”. Projeto de pesquisa financiado pelo Programa Centro Oeste de Pesquisa e Pós-Graduação – POCPG/CNPq 2001 – 2003.

\*\* Professora do IESA-UFG e Coordenadora do Projeto acima citado.



Nela produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato (Diegues, 1996, p.87).

Neste estudo objetivou-se compreender a interrelação das populações tradicionais com as diferenças fitofisionômicas ou estratos de cerrado, considerando a seguinte questão: as populações tradicionais, do bioma cerrado, ainda mantêm uma interrelação diferenciada e especializada, com as fitofisionomias, conforme os conhecimentos de plantas e os usos das mesmas?

Para respondermos a mesma consideramos necessário ampliar a discussão, inicialmente, para uma caracterização do bioma cerrado, enfatizando sua distribuição e sua potencialidade em espécies nativas e flora. Em seguida, foi feita uma contextualização sobre as populações tradicionais e, posteriormente, uma descrição/análise das fitofisionomias - Cerradão, Cerrado Rupestre de Altitude, Cerrado “strito sensu” Campo Limpo, Mata Galeria, Mata Ciliar e Veredas, apresentando em cada uma delas a diversidade de espécies nativas conhecidas e suas possibilidades de uso.

O levantamento das espécies nativas utilizadas pelas populações tradicionais foi através da observação, de entrevistas e questionários realizados nas diversas localidades/comunidades da área de estudo, considerando os procedimentos metodológicos de etnobotânica e da abordagem da geografia cultural. Para Albuquerque (2002) a etnobotânica é uma disciplina científica que focaliza a interrelação pessoas/plantas. Ora, a apreensão desta interrelação tem no uso da história oral a melhor via para abarcar no viés sociocultural, a diversidade de uso das espécies nativas.

Cabe ressaltar que a singularidade que nos interessa é das imbricações entre a cultura e os ambientes naturais. Aliás, Sauer (1963) já se preocupava em estudar as paisagens para dimensionar os impactos espaciais quando o homem instalava-se em meios seminaturais.



Como nos afirma Claval (1997), os homens tiram de seu ambiente aquilo que eles têm necessidade e, no caso da coleta supõem que eles tenham o conhecimento e o domínio das espécies. O domínio do meio só é possível graças “a cultura que designa o conjunto *savoir-faire* de práticas, de conhecimento, de atitudes e de idéias que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência” (idem, 1999, p. 64).

Como sublinha este autor, a cultura fala também da natureza que ela o toma simultaneamente como um meio que fornece o necessário a sua sobrevivência e como um conjunto de sentidos e significados. Com este entendimento é que lançamos nossos olhares sobre o cerrado, que adquire significado com e a partir das populações tradicionais.

### **O Bioma Cerrado: distribuição, potencial e as populações tradicionais**

O cerrado brasileiro ocupa uma área contínua de cerca de dois milhões de Km<sup>2</sup>, que corresponde à cerca de 24% do território nacional. A área de abrangência deste domínio, engloba desde o Amapá e Roraima, em latitudes ao norte do Equador, até o Paraná, já abaixo do trópico de Capricórnio. No sentido longitudinal, ele aparece desde Pernambuco, Alagoas, Sergipe, até o Estado do Pará e Amazonas, aqui com encaves dentro da floresta Amazônica (EMBRAPA, 2003).

Pires (2000) afirma que o cerrado tem uma posição destacada não só pela suas extensas áreas como, também, pela sua heterogeneidade vegetal, em grande parte desconhecida. A distribuição espacial da diversidade das espécies do cerrado pode ser fruto de variações climáticas pretéritas. Para Ab’Saber (1977), no último período glacial teria ocorrido um avanço do Cerrado sobre as florestas e, que nesse período interglacial, o cerrado teria se consolidado no domínio fitogeográfico e morfoclimático numa área contínua da região central do território brasileiro. Esse processo de alternância entre a floresta e cerrado, em longos períodos, acarretou mudanças na distribuição e fragmentação das populações o que funcionou como combustível para a espacialização, resultando em uma floresta rica e especializada.



Segundos os estudos de Pires & Santos (2000) as estimativas apontam que no cerrado, existe cerca de seis mil espécies de árvores– muitas utilizadas na produção de artesanato, uso medicinal e alimentício, além de outros usos e 800 espécies de aves, além de 780 das 3000 espécies de peixes já descritas. Calcula-se que mais de 40% das espécies de plantas lenhosas e metade das abelhas deste bioma, sejam endêmicas. De gramíneas existem mais de cinco centenas, sendo a grande maioria endêmica da região. No que concerne a invertebrados, estima-se que o cerrado abranja, 14.425 espécies, representando 47% da fauna estimada para o Brasil em três ordens de insetos: *Lepidóptera*, *hymenoptera* e *Isoptera*. Com relação aos copépodos, há uma alta percentagem dos mamíferos que ocorrem no cerrado, estes totalizando 195 espécies, sendo 18 endêmicas. Dadas estas características, estima-se que o Cerrado seja responsável por 5% da biodiversidade mundial.

Em estudos recentes de Ribeiro *et al.*(1997), Naves & Chaves, L. J. (2001) em 98 áreas representativas da região dos cerrados, encontra um total de 534 espécies lenhosas, sendo que 158 delas (30%) ocorreram em um único local e apenas 28 espécies foram encontradas em mais de 50% das áreas. Este panorama de distribuição e espacialização das espécies do cerrado é um importante aspecto a ser levado em consideração na definição de estratégias de conservação do cerrado.

Este aspecto do bioma cerrado, legitima a questão de que as populações tradicionais que o habita são detentoras de conhecimento popular sobre a espacialização e distribuição das espécies nativas em cada fitofisionomia de cerrado. Assim, aquelas estabelecem formas de uso que possibilitam um equilíbrio entre a exploração humana de espécies nativas e os aspectos naturais do cerrado, a exemplo das populações tradicionais do centro norte Goiano.

O cerrado é detentor de uma distribuída e exuberante biodiversidade do território goiano, mas muito ameaçada pela nova divisão do trabalho e,conseqüentemente, pela territorialização do capital na agricultura moderna nas últimas décadas do século XX e início do



atual. Atualmente as principais ameaças à biodiversidade do cerrado estão relacionadas com a monocultura intensiva de grãos, principalmente a soja com alta e moderna mecanização ligada à agricultura, a pecuária extensiva de baixa tecnologia e, a exploração crescente pela indústria biofarmacêutica, principal interessada pela natureza.

A porção norte do Estado de Goiás, como já foi mencionado, ainda detém em seu território o bioma cerrado parcialmente preservado em relação às outras regiões do Estado. Nos últimos anos a área vem passando por uma dinâmica de ocupação em grande escala, principalmente, pelos fazendeiros “paulistas” que compram grandes fazendas, “posses”, para formarem pastagens extensivas, reserva de valor e até mesmo para plantação de soja nas proximidades do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Essa ocupação vem provocando alterações na relação da sociedade com a natureza e, conseqüentemente, no modo de vida das populações tradicionais.

As populações tradicionais existentes no Norte Goiano possuem relação estreita com o bioma cerrado suas práticas de plantio são caracterizadas pelos *cercados* - plantação de subsistência de trabalho familiar - pela criação de gado, geralmente de pequeno porte, de forma extensiva, principalmente no estrato fisionômico de Campo Limpo.

Se estas atividades procuram ser desenvolvidas estabelecendo o mínimo de impacto sobre o cerrado, isto também se deve à percepção de natureza e a interação que a população tem com este bioma. De fato, a interação existente com a coleta de plantas, de ervas medicinais, de frutos, e de madeira, sinaliza o cerrado como um componente da própria sobrevivência destas populações. Estes diversos usos fortalecem a manutenção de suas relações sociais e culturais.

A relação das populações tradicionais e dos pequenos agricultores com o cerrado revela um conhecimento íntimo mais diferenciado dos estratos fisionômicos do cerrado. Os tipos



fisionômicos de cerrado - *cerrado fino, caatinga ou cerrado de serra, cerrado fechado e de beira de corgos*<sup>1</sup> – permitem, conhecer um nível de interrelação maior entre a população e a vegetação com várias finalidades de utilização das espécies nativas.

O cerrado fisionomicamente se caracteriza pela existência de uma camada herbácea formado basicamente por gramíneas e um estrato arbóreo/ arbustivo de caráter lenhoso. Há também a predominância de um ou de outro estrato arbustivo, herbácea e arbóreo. Estas metamorfoses ou alternâncias do bioma cerrado ocorrem devido à relação intrínseca com o nível do lençol freático, da fertilidade do solo, da geomorfologia do relevo e da topografia ou altimetria do mesmo. Destes elementos o principal na formação dos cerrados é a composição do solo por influenciar no tipo de constituição da cobertura vegetal.

### **Fitofisionomias, singularidades e usos**

#### **Cerradão**

É uma vegetação de caráter florestal, com árvores mais desenvolvidas que a dos demais tipos fitofisionômicos. Graças aos solos mais profundos e úmidos ele, também, apresenta algumas camadas de folhas em decomposição. O cerradão encontra-se nos chapadões ou nas encostas úmidas (Fernandes, 2000). Esta fitofisionomia caracteriza-se com árvores que cobrem mais de 50% da superfície e podem chegar até 15 metros de altura.

O cerradão é uma formação de árvores altas como jatobá de mata (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex Hayne), o tingui (*Magonia pubescens* St. Hil.) , a pimenta de macaco (*Xylopia aromatica* Lam.), a sucupira branca (*Pterodon emarginatus* Vog) e a preta (*Bondichia virgilioides* Kunth). Das 14 espécies identificadas nas localidades visitadas, 6 produzem frutos utilizados “*in natura*” ou preparados como alimento por aquelas populações tradicionais: o bureré (*Brosimum gaudichaudii*

---

<sup>1</sup> Considerando o objetivo da pesquisa, manteve-se a nomenclatura popular dos estratos de Cerrado de acordo com o relato do Sr. Gabriel – líder da comunidade de São José – Cavalcante, Dona Margarida Pereira Santos e Dona (Luiza Coelho da Silva) raízeiras de Vila Borba – Colinas do Sul.



Trec), o barú (*Dipteryx alata* Vog), o jatobá, o marmelo (*Alibertia edulis* A. Rich) e o pequi (*Caryocar brasiliense* Camb.).

Para doenças de infecções, principalmente de garganta, destaca-se o uso de sucupira branca e da preta. E, outras como a quina (*Strychnos pseudoquina* A. St. Hil) e a aroeirinha (*Astronium sp.*) são utilizadas para curar os machucados e as úlceras. Entre as espécies identificadas no Cerradão, de uso pelas populações tradicionais, verificou-se que algumas são empregadas contra doenças comuns no sexo feminino, a úlcera e para fazer sabão. Porém, das espécies conhecidas no Cerradão, a maior parte destina-se ao alimento.

### **Cerrado Rupestre de Altitude**

Caracteriza-se como um subtipo de vegetação arbóreo-arbustiva que ocorre em ambientes rupestres Litólicos ou rochosos, (Ribeiro e Walter, 1998). Essa fisionomia é bem representativa na área de estudo, visto que esta localiza-se em uma zona de instabilidade tectônica pretérita (Chapada dos Veadeiros), com presença de inúmeros afloramentos rochosos de quartzos. Segundo Sano & Almeida (1998), essa formação caracteriza-se pela ocorrência em altitudes elevadas acima de 900 metros, em solo raso e pela presença de indivíduos arbóreos encontrados nas fendas e entre os afloramentos rochosos.

Dentre as espécies encontradas com maior frequência de uso pelas populações tradicionais destaca-se o pequi (*Caryocar brasiliense*), um dos frutos comestíveis pelo Sertanejo. Faz-se o pequi cozido no arroz, misturado no frango, na carne bovina e também o preparam como uma sopa fervendo-o com sal e leite. A mangaba (*Hancornia speciosa* Gomez) é uma das frutas mais saborosas do cerrado e, tem seu uso diversificado. O leite da mangaba é utilizado contra “tosse de cachorro”, ou melhor, a coqueluche do Sertão. Outro fruto comestível é o gravatá (*Bromelia sp.*). Há, também, em algumas áreas a arnica, utilizada como antiinflamatório e cicatrizante.

### **Cerrado “strito sensu”**



É uma formação do tipo Savana, na qual convivem gramíneas e espécies lenhosas. Esta formação é a mais rica em espécies nativas com poder medicinal para as populações tradicionais do norte do estado de Goiás. Apresenta como um subtipo de vegetação predominantemente arbóreo-arbustivo, com cobertura de 20% a 50% e árvores com altura média de três a seis metros (Ribeiro & Walter, 1998). Trata-se de uma forma comum e intermediária entre o Cerrado Denso e o Cerrado Ralo. Há nesta fisionomia uma variedade de arbustos, subarbustos e gramíneas sendo que na estação seca, é a mais propícia e com maior frequência de ocorrências das queimadas.

Para estes autores, os solos favoráveis para o Cerrado são das classes de Latossolo Vermelho-Escuro, Latossolo Vermelho-amarelo e Latossolo Roxo. Apesar das boas características físicas, são solos forte moderadamente ácidos (pH entre 4,5 e 5,5), com carência generalizada dos nutrientes essenciais, principalmente fósforo e nitrogênio. Esse déficit de nutrientes do solo, manifesta-se de forma heterogênea. Segundo Rizzini (1997 p.240) “o cerrado exibe enorme variabilidade estrutural ainda mais acentuada pela amplas variações edáficas.” Se olharmos na paisagem “cerrado fino” as árvores esparsas, retorcidas formam manchas quase homogêneas.

Das espécies constituintes dessa paisagem as enunciadas com poder medicinal foram: algodãozinho (*Cochlospermum regium* Mart et Schl), anador (*Alternanthera* sp.), assa-peixe (*Vernonia* sp.), bananeira (*Salvertia convallariodora* A.St. Hil.), bureré, cabelo-de-negro (*Oureata hexasperma* St. Hil. Bail), carrapicho (*Acanthospermum* sp.), caroba (*Jacarandá ruffa* Manso), cascavel (*Crotalaria* sp.), chapéu-de-couro (*Echinodorus macrophyllus* (Kunth.) Micheli), favela (*Dimorphandra molis* Benth), gervão (*Stachytarpheta chamissonis* Walp), graviola-do-cerrado (*Annona* sp.), imbé (*Philodendron* sp.), pau santo (*Kielmeyra coriacea* Spr.), pé-de-perdiz (*Croton antisiphyliticus* St. Hil.), quina, roseira (*Kielmeyera* sp.), barbatimão (*Stryphnodendron* sp.), sabugueiro (*Sambucus australis* Cham.), papaconha, azedinho (*Oxalis hirsutissima* Mart & Zucc), buchinha (*Luffa operculata* Cogn.), anilinho (*Indigofera* sp.), salsa-do-campo (*Smilax* sp.), sangue-de-cristo (*Sabicea brasiliensis* Wernh), sucupira preta, tiborna





(*Himatanthus obovatus* M. Arg.), trançagem (*Plantago major* L.), toquinho (não identificada), vergateza (*Anemopaegma arvense* Vell.) Stellf ex de Souza), manazinho (*Anemopaegma arvense* Vell. Stellf ex de Souza), forquilha de pote (*Croton* sp.), alecrim-do-campo (não identificada), cipó-de-índio, velame branco (*Macrosiphonia velame* St. Hil.), porrete de malina (*Dalechampia* sp.), paquarí e barrigudinha (não identificada). Segundo as plantas constantemente utilizam-se delas as folhas, a entrecasca ou as raízes.

Tomando como exemplo as doenças de mulheres como infecções genitais, para mesmas faz-se uso de uma composição que pode conter o algodãozinho, o barbatimão, o carrapicho, o velame branco, o pau-santo, o pé-de-perdiz, o sangue-de-cristo, a tibornia e outros. Já para gripe, febre, resfriados, dores e infecções de garganta recomendam-se tomar o chá ou gargarejo de uma mistura de anador, favela, gervão, imbé, quina, papaconha, trançagem e porrete de malina.

Contudo, se o problema for relativo ao vigor do sexo masculino sugere-se o uso de vergateza, toquinho e cipó-de-índio. E nesse caso as populações tradicionais afirmam que a garantia é completa, pois uma frase muito dita é “só tomar que levanta” e que essas plantas são consideradas “o viagra da floresta”.

Outra indicação ocorreu para a gravidez com a barrigudinha. Todavia, se as mulheres querem abortar há as plantas abortivas, como azedinho, buchinha e o anilinho.

Mas se a mulher, após o parto apresentar sintomas que no dizer popular seria “resguardo quebrado” indica-se o uso da forquilha de pote. Além dessas espécies utilizam o manazinho para a dor de barriga, o sabugueiro para sarampo e outras, e, no tratamento de artrose o alecrim do campo.

As plantas que servem de alimentos não têm muitas variedades. Usam na maior proporção os frutos de araticum (*Annoma crassiflora* Mart), barú, caju (*Anacardium* spp.), curriola (*Pouteria ramiflora* Radlk.), ingá (*Inga uruguensis*), mangaba, muríci (*Byrsomima* sp.), pequi, cajão, puxa-puxa. Os homens do cerrado trabalham, constróem casas, curais e instrumentos com a madeira



do carvoeiro (*Sclerolobium paniculatum* Vog.), do jacaré (*Piptadenia sp.*), da mariana (sem identificação), do marinheiro (*Guarea guidonea* (L.) Sleumer), do mocambé (sem identificação) e com o pau pente (sem identificação). Elas são também destinadas para a fabricação de estacas para cercas de arame das propriedades particulares.

### **Campo Limpo**

Constitui-se de vegetação herbácea, densa, composta de gramíneas e, alguns arbustos. Tais campos são encontrados nas encostas, nas áreas de chapadas e nas proximidades das nascentes de água, circundando as bordas de matas galeria. Para Rizzini (1997) o campo limpo corresponde à vegetação baixa, sem árvores ou com raras arvoretas, muito afastadas entre si.

Nas bordas da mata galeria do rio Capivara, próximo do Engenho, há uma grande área de Campo Limpo. Ela é empregada desde os primórdios pelos povos Kalunga nessa região, para criação e pastagem do gado de forma extensiva. A pecuária, mesmo reduzida por pressões capitalistas na terra, representa uma importante atividade de subsistência e sociabilidade para algumas famílias kalunga.

### **Mata Galeria**

Esta vegetação é densa constituída de árvores com até 30 metros de altura, distribuídas ao longo dos vales, rios e cursos d'água, formando corredores fechados (Ribeiro & Walter, 1998).

Onde ela se desenvolve possui maior umidade no solo que nas áreas próximas e mantém. Esta fisionomia encontra-se distribuída sobre as margens dos rios de pequeno porte e nas beiras de inúmeros córregos intermitente principalmente na época da seca. Esses, puderam ser notados em sua secura temporária no mês de setembro de 2002, no percurso entre a cidade de Colinas do Sul e o povoado de Vila Borba.

As populações tradicionais demonstraram pouca intimidade com as espécies aí encontradas. Mencionaram o buriti (*Mauritia flexuosa* Mart.), o jenipapo, o maracujá nativo (*Passiflora sp.*) e o bico de tucano (sem identificação). Cabe aqui ressaltar que estas populações



conhecem o poder de cura da sangra d'água. Para eles o leite da sangra d'água detém propriedades curativas de gastrite, úlcera e até mesmo contra o câncer. Mas essa espécie não é atualmente de fácil ocorrência pelo desmatamento que se tornou freqüente. “*Ela é encontrada apenas nas proximidades do Lago da Usina da Serra da Mesa*”, afirma a Dona Margarida, de Vila Borba.

### **Mata Ciliar**

É uma fisionomia associada aos cursos de água, em terrenos bem drenados ou mal drenados, de árvores de médio e grande porte da região do Cerrado, ela ocorre onde a vegetação arbórea não forma galerias, (Ribeiro & Walter, 1998). Para as populações tradicionais entrevistadas nessa pesquisa não há diferença fitofisionômica entre a mata galeria com a mata ciliar.

Nota-se a existência de Mata Ciliar às margens do rio Preto, do Tocantzinho e do Paranã nos cursos de maior extensão. Sobre as margens desses encontram-se árvores predominantemente eretas, em uma faixa estreita.

As espécies aproveitadas são: a jangada, o jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex Hayne), o angico e a casca do ipê-amarelo.

### **Veredas**

Nas áreas sobre a chapada, localmente denominada Serra de Santana, na entrada da comunidade do Engenho, há várias formações fisionômicas de veredas. Essa formação fisionômica encontra-se, também, em outras localidades próximo de São José, de Vila Borba e de Moinho. Para Nascimento (2001), a vereda é uma paisagem típica junto aos pequenos cursos d'água, geralmente em áreas planas, com solo hidromórfico/arenoso, tendo como principal elemento florístico de porte o buriti, acompanhando o curso d'água e gramíneas se espalhando por toda a planície de inundação.

O buriti possui várias serventias. Do fruto faz-se o óleo, e o doce feito da polpa é uma das delícias do paladar do sertanejo. As folhas são utilizadas pelas populações tradicionais no



recobrimento das residências, do paiol, do chiqueiro e dos galinheiros, além da fabricação de peneiras, quibana, couraça<sup>2</sup> e outros artesanatos.

De modo geral observou-se que as populações locais possuem relações com todas as fitofisionomias e, conseqüentemente, com a biodiversidade do Bioma Cerrado, da área em estudo. Esta relação é diferenciada conforme a potencialidade das fitofisionomias em espécies nativas. E, sobretudo do conhecimento popular das populações tradicionais do Cerrado.

### **Considerações finais**

As populações tradicionais - pequenos agricultores, quilombolas do povo Kalunga, posseiros, garimpeiros, raizeiras - estabelecem formas de usos diferenciado das espécies nativas de acordo com a abundância das espécies nas distintas fitofisionomias. A organização do trabalho dá-se na agricultura de subsistência e no extrativismo de frutos, folhas, raízes, entrecasca e casca das plantas do Cerrado. Estas populações possuem conhecimento popular das potencialidades alimentares, medicinais e artesanais das espécies nativas que compõem as fitofisionomias do Cerrado.

Para Almeida (2003), o conhecimento denotado por elas sobre o Cerrado permite afirmar que há uma relativa indissociabilidade do mundo biofísico, humano e espiritual, além de evidências de relações sociais genuínas, de circuitos tradicionais e formas de uso e entendimento da natureza pela dimensão cultural.

Cabe aqui destacar também um estudo de Almeida e Vargas (1998) sobre “A dimensão cultural do sertão sergipano” no qual elas afirmam constatarem:

existência da cultura tradicional no cotidiano dos sertanejos e sua estreita relação com os recursos da caatinga e com a natureza semi-árida.

---

<sup>2</sup> Couraça é uma capa para chuva feita de folhas de buriti trançadas, segundo o Sr. Gabriel da comunidade de São José.



Estas autoras enfatizam que é na associação entre técnica, cultura e natureza que estas comunidades asseguram a reprodução social; mas, que as pastagens em expansão degradam a caatinga e ameaçam a sobrevivência das práticas culturais. Estas características são nítidas no Cerrado, na tendência ao esgarçamento do domínio do conhecimento pelas populações tradicionais, das especificidades e das potencialidades das espécies medicinais, alimentícias e artesanais do bioma Cerrado. Nota-se isso principalmente, por parte dos mais novos. Este conhecimento se desfaz, também, pela formação de lavouras mecanizadas, e construção de empreendimentos governamentais como a do Lago da UHE da Serra da Mesa.

Estes fatos podem acarretar perdas parciais do conhecimento popular, da cultura, do folclore, dos mitos, das lendas e, sobretudo, das potencialidades das espécies do cerrado.

O conhecimento das populações tradicionais se manuseado de forma espontânea pode contribuir com mecanismos sociais e culturais de conservação da biodiversidade do bioma Cerrado. A biodiversidade contida nas fitofisionomias do bioma Cerrado constitui o valor sociocultural atribuído pelas populações tradicionais. E, não simplesmente, pelo que representa como potencial de preservação de um manancial, por exemplo.

As populações tradicionais possuem a partir do convívio, do cotidiano, do modo de vida, um conhecimento popular que acarreta relacionamento diferenciado e usos diversos conforme as potencialidades medicinais, frutíferas e artesanais das espécies nativas de cada porção do bioma do Cerrado (Tabela 01).

Neste contexto, o conhecimento popular das populações tradicionais é um instrumento indispensável para preservação da cultura, da persistência de modos de vidas tradicionais e da biodiversidade do Cerrado. E, também, auxilia os estudos científicos que buscam conhecer, identificar, catalogar a espacialização das espécies e as potencialidades, medicinais, artesanais e frutíferas dos estratos fitofisionômicos do Cerrado.



## Referências

AB'SABER, A.N. *Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários*. Paleoclimas, São Paulo, v.3, 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à etnobotânica*. Recife: Bagaço, 2002.

ALMEIDA, M. G. *Cultura Ecológica*. Goiânia: IESA/UFG, 2003. (texto mimeografado)

ALMEIDA, M. G.; VARGAS, M. A. M. A dimensão cultural do sertão sergipano. In: DINIZ, J.A.F.; FRANÇA, V. L. A. *Capítulos da geografia nordestina*. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998. p. 469-487.

CLAVAL, P., As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, E. I., GOMES, P. C. C. da. CORRÊA, R. L. (Org.). *Explorações Geográficas -percursos no fim do século*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

\_\_\_\_\_, A geografia cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1999. p. 59-97.

DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, A. *Fitogeografia brasileira*. Fortaleza: Ed. Multigraf, 2000.

FERREIRA, H.D.; SUARES, N.O. Levantamento de Plantas Úteis do Cerrado Utilizadas Pelas Comunidades Tradicionais dos Municípios de Alto Paraíso, Colinas Do Sul e Cavalcante. *Relatório Final da Pesquisa "Conhecimento popular e uso das espécies nativas pelos pequenos agricultores do Cerrado"*, Goiânia: IESA/UFG, 2002-2003.

IBGE, ESTUART – *Base de dados Geo-digitalizados*, CD Rom, 2002.



NASCIMENTO, I. V. *Cerrado: o fogo como agente ecológico*. Instituto do Trópico Subúmido UCG, 2001.

NAVES, R.V.;CHAVES, L. J. Uso e conservação de espécies frutíferas do Cerrado. *Jornal Gazeta Tecnológica*, maio/ 2001.

PIRES, M. O.; SANTOS, I.M. (Orgs) REDE CERRADO – *Construindo o Cerrado Sustentável*. Experiências e Contribuições das ONG's –Brasília: Gráfica Nacional, 2000.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B.M.T. Fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S.P. ed. *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina: EMBRAPA-CPAC,1998.

RIZZINI, C.T. *Tratado de fitogeografia do Brasil: aspectos ecológicos, sociológicos e florísticos*. Âmbito Cultural Edições Ltda., 1997.

SAUER, C. O. A morfologia da Paisagem. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1963. p. 12-74.